

Platão e os fundamentos da linguagem

Expositor: Mariluze Ferreira de Andrade e Silva

A linguagem se constrói a partir das proposições. Este fato tem levado os filósofos, desde a antiguidade até nossos dias, a exigirem uma noção mais precisa do termo "proposição" dando surgimento à várias teorias da proposição. Platão não aprofundou esta questão mas a fundamentou dando início a uma discussão sobre o conceito de proposição nas suas obras *Crátilo* e *Sofista*. É nosso objetivo, neste trabalho, examinarmos esta questão.

Teoria da proposição.

Platão não foi o primeiro filósofo preocupado com a teoria das proposições de forma específica, mas foi o primeiro que apontou caminhos para o seu estudo. Esta afirmação encontra suporte na palavra *logos*¹ cujo emprego tem o mesmo significado em algumas passagens dos diálogos *Crátilo* (425a) e *Sofista* (261-264). Em *Crátilo* encontramos a seguinte passagem do diálogo de Sócrates com Hermógenes:

Desta mesma forma aplicaremos os elementos às coisas, a uma só o elemento único que parecerá necessário ou vários por sua vez formando o que chamamos sílabas; uniremos por sua vez as sílabas, que servem para compor os nomes e os verbos e, novamente, com os nomes e os verbos, poderemos construir um grande e belo conjunto, como o era antes o ser vivo reproduzido pela pintura; agora o que teremos será o discurso, graças a arte dos nomes ou da retórica².

¹ *Logos*, aqui, empregamos com o sentido de proposição ou pensamento.

² Platão. *Obra Completa*. Madrid : Aguilar, p. 540, 1972

Em *Sophista* (261-264), encontramos o seguinte sobre o *logos*: “é o significado especialmente de uma declaração, ou declaração caracterizando elocução que é construída por um nome e um verbo e é um ou outro verdadeiro ou falso em um sentido simples.”

Nessa definição, são apontados três elementos do *logos*: ele é uma declaração, tem dois sintagmas (nominal e verbal) e está sujeito a um valor de verdade. Ou ainda nesse diálogo de Teeteto com o Estrangeiro:

Teeteto - Que questão me vás colocar a propósito dos nomes?

Estrangeiro - Se todos eles estão de acordo entre si, ou se não o estão; ou se se prestam a este acordo alguns deles e outros não.

Teeteto – A última hipótese é evidente; uns se prestam e outros não.

Estrangeiro – Possivelmente o que tu queres dizer com isto é o seguinte: aqueles que, enunciados em série uns após outros, têm algum sentido, admitem este acordo; os outros, cuja série carece de todo sentido, não têm acordo possível entre si.

Teeteto – Que queres dizer comisso?

Estrangeiro – O que creio eu tenhas tu em tua mente ao dar-me tu adesão a essa hipótese. Com efeito, para expressar vocalmente o ser, temos algo assim como duas espécies de signo.

Teeteto – Quais? **Estrangeiro** – Se os denominas nomes ou verbos.

Teeteto – Explique uns e outros. **Estrangeiro** – Aos que expressam as ações chamamos de verbo.

Teeteto – Certo.

Estrangeiro – Enquanto aos sujeitos que realizam estas ações, o signo vocal que aplicamos a eles é um nome.

Teeteto. – Perfeitamente.

Estrangeiro – Os nomes enunciados completamente sendo um a continuação de outro não constituem nunca um raciocínio, como tampouco uma série de verbos enunciados sem a companhia de um nome³

Segundo Gabriel Nuchelmans⁴, os que defendem a interpretação encontrada no *Sophista*, são confrontados com a dificuldade que Platão conclui do fato que assim como *logos* é verdadeiro ou falso, as suas partes também são verdadeiras ou falsas.

³ Platão. *Obra Completa*. Madrid :Aguilar, p.1039

⁴ Nuchelmans, Gabriel. *Theories of the proposition: ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity*. London : North-Holland, 1970.

Na verdade, esta conclusão não é fácil de se justificar porque a união de palavras simples (*onomata* e *rhemata*) forma um nome complexo e não uma declaração ou pensamento, isto é, não forma um *logos*. Esta é a dificuldade para aceitar a definição de *logos* apresentada por Platão, no *Crátilo*. Em vista disso, Prauss⁵ traduziu *logos* como um composto de palavras simples (*onomata*) cuja união caracteriza um nome complexo e não uma declaração. Nuchelmans concorda com Prauss e deixa de lado o *logos* da passagem no *Crátilos*, porque ali Platão não faz referência ao portador de verdade e falsidade e se restringe à análise da passagem do *Sofista* (261-264).

Há um critério pelo qual toda combinação possível de *onomata* e *rhemata* pode ser dividida em dois grupos. Algumas combinações produzem um *logos*, por exemplo: "o homem dorme" ou "o homem não dorme", e outras não produzem, tal como: "caminha corre dorme" ou "Leão veado cavalo". As combinações que produzem um *logos* ou pensamento ou proposição ocorrem, essencialmente, no ato da fala de *legein* dizendo que alguma coisa é o caso. Este ato da fala de *legein* e o *logos* que o acompanha são fundamentalmente diferentes da atividade de *onomazein* mediante *onomata* e *rhemata*. Quando alguém diz "um homem compreende" ela dá informação sobre um certo estado de coisas e afirma alguma coisa. Nesta passagem *onoma* é usado no sentido de um nome para um agente, mas também no mais amplo sentido de uma palavra. O verbo *onomazein* é construído com um objeto interno *onomaxa* ou com um objeto externo, a coisa indicada mediante um *onoma* ou *rhema*: o assunto pode ser uma pessoa ou uma coisa.

Na verdade, Platão quer dizer que quando uma pessoa afirma que alguma coisa é o caso, no nível *legein*, como por exemplo "o homem dorme" ou "o homem não dorme" ela afirma ou nega algo que é um todo completo e independente, em contraste com a pessoa que somente chama a atenção para alguma coisa mediante um *onoma* ou *rhema* em um nível *onomazein*, por exemplo: "dorme homem".

Em *Sofista* (262e3 – 263d5), Platão fala sobre a análise do discurso, expressão do juízo, a função do verbo, a verdade e a falsidade como sendo a ligação constitutiva do discurso. Sobre a verdade e a falsidade encontramos no seguinte diálogo:

⁵ Prauss, 1966, p. 43-60, apud Gabriel Nuchelmans, p. 13.

Estrangeiro – Mas cada um desses raciocínios têm necessariamente, dizemos nós, uma certa qualidade.

Teeteto – Sim.

Estrangeiro – Que qualidade, pois, há que atribuir a um e ao outro?

Teeteto – Pode-se dizer que um é falso e que o outro é verdadeiro⁶

Segundo Platão, para todo *logos* que alguma coisa é o caso, deve ser alguma coisa ou sobre alguma coisa como diz o Estrangeiro: “ – Em todo caso, ao não discorrer ou falar sobre nada não seria sequer raciocínio. Assim o demonstramos, com efeito: é impossível que exista raciocínio que não seja raciocínio sobre algum sujeito”⁷

Platão diz que para todo *logos* que alguma coisa é o caso, deve ser alguma coisa ou sobre alguma coisa. Por exemplo: os dois *logos* “Teeteto senta” e o *logos* “Teeteto voa” são de ou sobre Teeteto. Isto significa dizer que freqüentemente dizemos coisas diferentes sobre o mesmo objeto e também dizemos as mesmas coisas de diferentes objetos. A declaração admite muitas questões. E a tem partes e uma dessas partes é identificada como a parte referencial. É impossível, portanto, haver um *logos* a menos que seja um *logos* de alguma coisa. Este é o primeiro obstáculo para a compreensão de proposição.

Tentando dar uma definição do sofista, Platão encontrou o segundo obstáculo. Se o sofista disse para criar uma falsa crença em sua própria sabedoria, pela falsa declaração, ele objeta que é impossível pensar ou declarar alguma coisa que não é o caso. Consequentemente, torna-se necessário adequar esta objeção com a explicação de falsidade no pensamento e na fala (na expressão do pensamento). Platão (*In.* 251-259) considera três hipóteses:

Que nenhuma forma combina com nenhuma outra.

Que toda forma combina com toda outra

Que alguma forma combina com uma outra e outras não.

A primeira hipótese é impossível porque se todas as coisas fossem isoladas de todas as coisas, todo discurso seria impossível. Podemos construir um discurso

⁶ Platão. *Obras Completas*. Madrid : Aguilar, p. 1040.

⁷ *O Sofista*. p. 1041).

porque não é o caso de todas as coisas estarem isoladas de todas as coisas, mas porque uma forma pode ser combinada com outra. A segunda é eliminada por ser impossível toda forma combinar com toda forma. Assim só resta possível a terceira hipótese. Após esta discussão, Platão volta ao problema da existência de uma forma especial de discurso: falsa declaração (*Sophista* (261a6 – 252e2).

Sobre a possibilidade de falsidade no discurso, Platão coloca duas teses fundamentais: há uma diferença essencial entre dois níveis de atividade do discurso – o nível *onomazein* e o nível *legein* e que certas unidades do nível *onomazein* devem ser combinadas de modo definitivo para conseguir a unidade do nível *legein*, um *logos*. Por exemplo, no nível *onomazein* eu digo: “dorme homem” e no nível *legein* eu digo “o homem dorme” e assim construir um *logos* com duas unidades: *onomata* e *rhemata*. As duas unidades que Platão introduz sobre o nível *onomazein* são *onomata*, no sentido estrito do nome, e *rhemata* no sentido estrito de verbo. Porém, ambos significam “nome” ou designam alguma coisa: *rhemata* indica ações ou estado (*praxis*) e *onomata* especifica os conteúdos das ações e declaração.

Legein é usado no sentido de expressar *onomata* e *rhemata* ou no sentido de expressar um *logos* tendo a pessoa como assunto, ou no sentido de dizer que alguma coisa é o caso, tomando a pessoa ou um *logos* (263b4) como assunto. Assim um *logos* pode ser uma elocução (palavras faladas), ou uma declaração, no sentido de um ato afirmando que alguma coisa é o caso, ou no sentido daquilo que é afirmado.

Em resumo, na atividade da fala, Platão apresentou uma distinção fundamental entre o nível *onomazein* e o nível *legein*, entre pensamento na alma, que são pensamentos não combinados e por isso não são nem verdadeiros nem falsos e pensamentos combinados que são suscetíveis de serem verdadeiros ou falsos (*De in.* 16a9, *Met.* 1051b17, *De An.*430a26). Aristóteles fala sobre pensamentos não combinados que são simples apreensões de objetos sensíveis, pela mente. Unindo esses pensamentos não combinados através da afirmação ou negação, construímos a proposição ou juízo. Os pensamentos não combinados, portanto, se contrastam com os pensamentos combinados capazes de serem chamados verdadeiros ou falsos, exatamente como são os atos de *onomazein* (não combinados) mas que são suscetíveis de serem combinados por meio de *onomata* e *rhemata*.

Para Platão, o fato decisivo que dá origem ao *logos* é a combinação de um *rhema* com um *onoma*, uma *symploke*. Aristóteles, trilhando no caminho aberto por Platão, usa a mesma palavra para a formação de um pensamento composto através de um ato de pensamento não composto que une ou separa as unidades do pensamento através do ato de afirmação ou negação suscetível de ser verdadeiro ou falso: é uma *symploke noematon*. Esta *symploke* é um ato de pensamento não composto junto ou afastado, isto é, afirmado ou negado formando uma unidade (*Met.*1027b25; *De An.* 430a28; 430b5). Em substituição a *phasis* que é reminescente de Platão, Aristóteles introduz os termos *Synthesis* e *dihairesis* para a composição e divisão de pensamento que é verdadeiro e falso.

Referências Bibliográficas

- ALCOFORADO Paulo. *Duas Concepções medieval de Lógica*. São João del-Rei: Anais de Filosofia-FUNREI ,2. p. 99-118.
- _____. Roteiro para o Estudo do Órganon. In: *Educação e Filosofia*. Uberlândia : v.7 n.13, jan./Jun. 1993.
- ARISTÓTELES. *Categorias/ De l'Interpretation*. In: *Onganon*. V. I e II. Traduction Nouvelle et notes par J. Tricot. 1994; *Les Premiers Analytiques*, 1992; *Les seconds Analytiques*, 1987. *Les Topiques*, 1990. *Des réfutations sophistiques*, 1987.
- _____. *Categorias/ De la expansión o interpretación*. *Onganon*. *Obras completas*. Madrid : Aguilar. 1973
- AUBENQUE, Pierre (Direction). *Concepts et Catégories dans la Pensée Antique*. Paris : Vrin, 1980.
- EVERSON, Stephen. *Language*. Cambridge : University Press, 1994.
- GOCHET, Paul. *Esquisse d'une théorie nominaliste de la proposition*. Paris : Librairie Armand Colin, 1972.
- IRIARTE, Raúl y OTERO, Néstor. Guillermo de Shyreswood y algunos antecedentes medievais de la Filosofía del Lenguaje. Apud. *Cuardenos del Sur*, 10. Julio 1968-junio 1969).

- McCANTES, Michael. *Peter of Spain and William of Ockham: from Metaphysics to Grammar*. The Modern School, n. XLIII, January 1966.
- MORENO, Alberto. *Lógica Proposicional em Juan de Santo Tomás*. Notre Dame Journal of Formal Logic. V. IV, Number 2, April 1963.
- _____. *Logica proposicional en Juan de Santo Tomas*. Argentina : Apud: *Sapientia*, n. 68, 1963
- NUCHELMANS, Gabriel. *Theories of the Proposition*. Ancient and medieval conceptions of the bearers of truth and falsity. London : North-Holland Publishing Company Amsterdam, 1973.
- PANACCIO, Claude. *Les mots, les concepts et les choses*. La sémantique de Guillaume d'Occam et le nominalisme d'aujourd'hui. Paris : Bellarmin : Vrin, 1991.
- PLATON, *Oeuvres Complètes*. V. I e II. Paris : Galimard, 1950.
- _____. *Teeteto/Sophista. Obras completas*. Madrid : Aguilar, 1972
- RIJK, L.M de. *Significatio y Suppositio en Pedro Hispano*. Apud: *Pensamiento*, v. 25 n.97-98-99, 1969.